

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

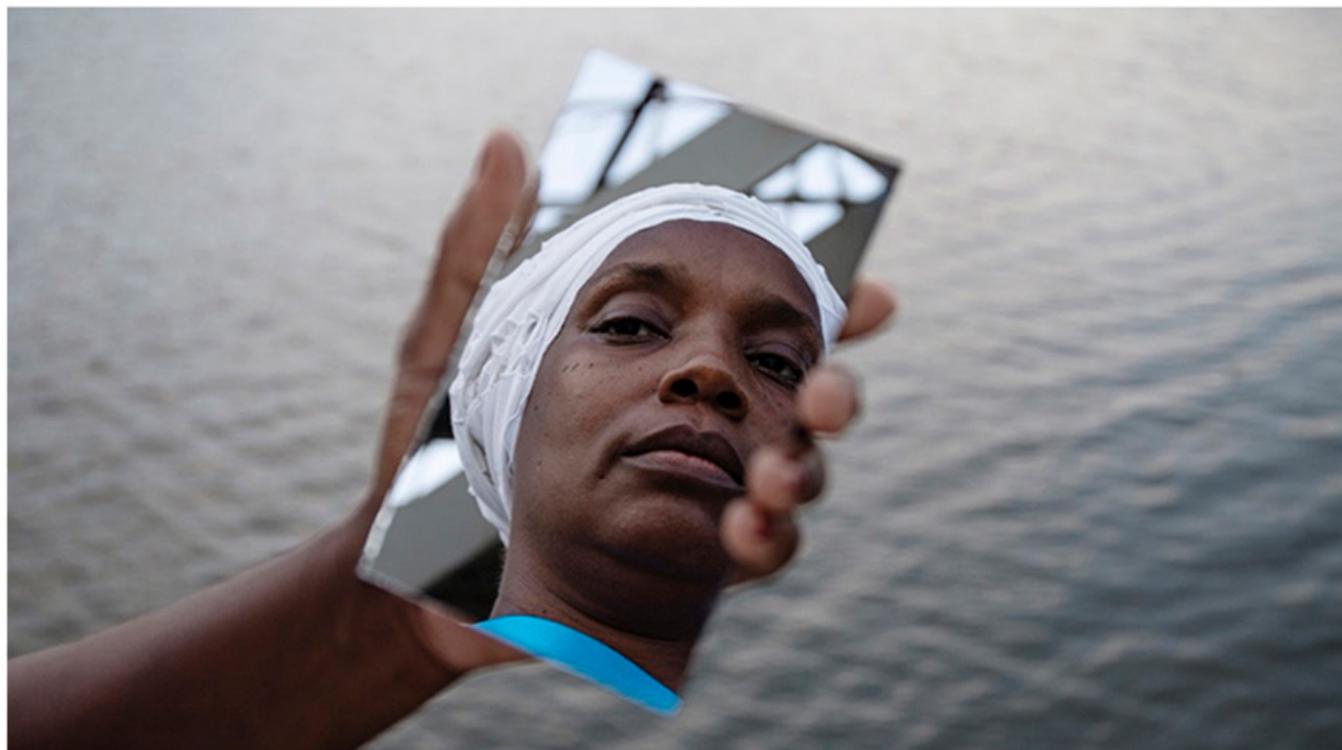


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

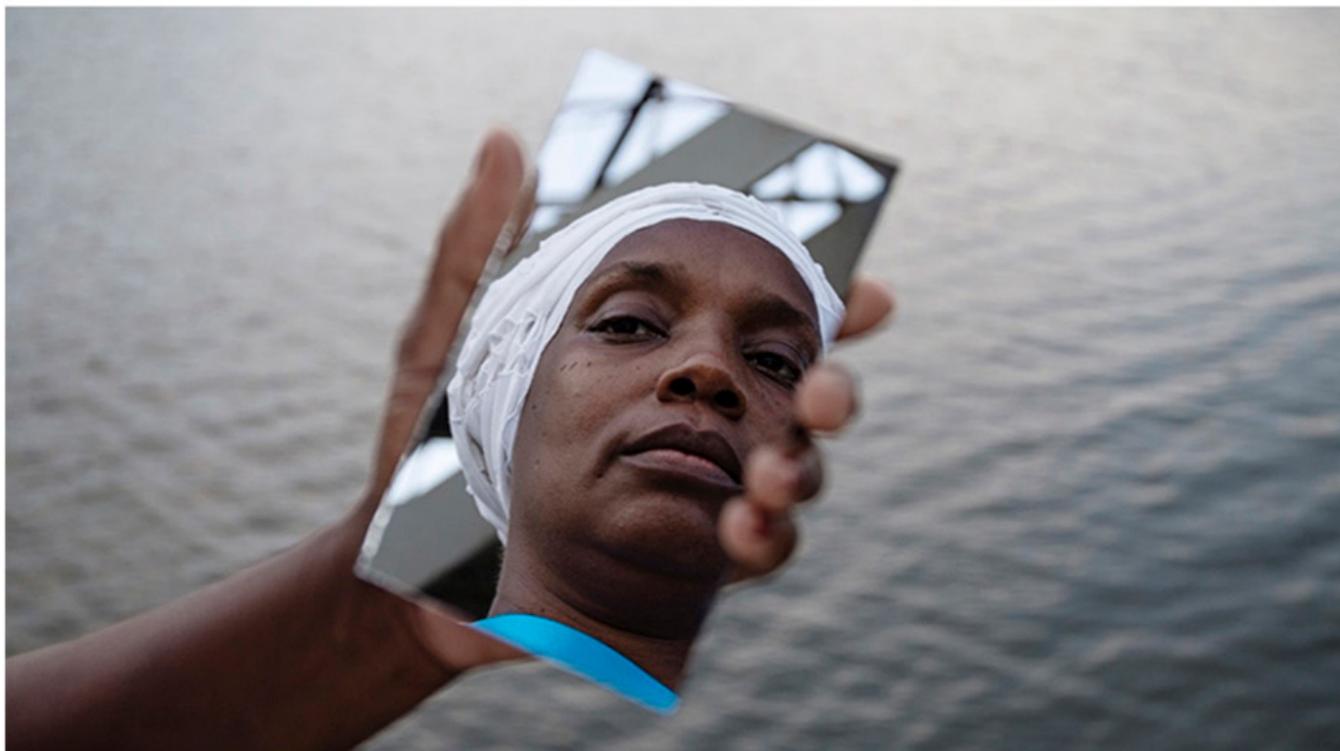


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



## 42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: [cbha.secretaria@gmail.com](mailto:cbha.secretaria@gmail.com)

# Versões da arte escrita por mulheres: Adalice Araújo e os Encontros de Arte Moderna

Kamila Tatiana da Cruz Bach, Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
<https://orcid.org/0000-0003-0059-9896>  
kamilacbach@gmail.com

Ronaldo de Oliveira Corrêa, Universidade Federal do Paraná  
<https://orcid.org/0000-0003-1894-1944>  
rcorrea@ufpr.br

## Resumo

Os Encontros de Arte Moderna foram eventos que aconteceram entre 1969 e 1980 em Curitiba/PR, com o propósito de promover o debate sobre a vanguarda artística, por meio de palestras, exposições e oficinas com a participação de importantes personagens das artes. Analisando os Encontros a partir do Dicionário de Artes Plásticas do Paraná, de Adalice Araújo, chama a atenção a participação de artistas mulheres evidenciadas pela autora; em comparação, são 10 mulheres para 4 homens. Essa perspectiva, porém, não é compartilhada em outras historiografias e textos que buscam retratar os Encontros. Neste cenário se questiona: Qual a contribuição de Adalice Araújo na divulgação e legitimação de artistas mulheres? O Dicionário pode ser configurado como um arquivo a contrapelo, no qual se pode produzir versões da história dos Encontros, a partir das mulheres artistas?

**Palavras-chave:** Adalice Araújo. Crítica da arte. Mulheres na arte. História das mulheres. Encontros de arte moderna.

## Abstract

The Modern Art Encounters were events that took place between 1969 and 1980 in Curitiba/PR, with the purpose of promoting the debate on the artistic avant-garde, through lectures, exhibitions and workshops with the participation of important personages of the arts. Analyzing the Encounters from the Dictionary of Plastic Arts of Paraná, by Adalice Araújo, the participation of female artists highlighted by the author is noteworthy; in parallel, that's 10 women to 4 men. This perspective, however, is not shared in other historiographies and texts that seek to portray the Meetings. In this scenario, the following question arises: What is Adalice Araújo's contribution to promoting and legitimizing female artists? Can the Dictionary be configured as an archive against the grain, in which versions of the history of the Encontros can be produced, based on women artists?

**Keywords:** Adalice Araújo. Art critic. Women of art. Women's history. Modern Art Encounters.

Os Encontros de Arte Moderna foram eventos que aconteceram entre 1969 e 1980 em Curitiba/PR, idealizados por Adalice Araújo e organizados pelo Diretório Acadêmico Guido Viaro, da Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP), contou com um total de 11 edições com ações que ocuparam, além da sede da EMBAP, outros espaços públicos e privados da cidade, como a Biblioteca Pública do Paraná (BPP), o Museu da Arte Contemporânea (MAC-PR), o canteiro de obras da rodoferroviária e o calçadão da Rua XV.

O propósito dos Encontros foi inaugurar e promover o debate sobre a arte moderna, com a renovação dos repertórios plásticos e conceituais desenvolvidos na capital paranaense. Esse propósito foi efetivado por meio de palestras, ações e oficinas oferecidas para a comunidade acadêmica e local (FREITAS, 2017). Participaram das edições críticas e críticos, historiadoras e historiadores da arte e artistas, do circuito nacional, além da comunidade acadêmica local. As ações mobilizaram alguns espaços na cidade, como a rodoferroviária e espaços da Fundação Cultural de Curitiba (FCC).

Analisando os Encontros a partir do Dicionário de Artes Plásticas do Paraná (2012), de autoria da professora, historiadora e crítica Adalice Araújo (1931-2012), chama a atenção a participação de artistas mulheres que se envolveram nestes eventos; em comparação são 10 mulheres para 4 homens. Essa perspectiva, porém, não é compartilhada em outras historiografias e textos que buscam retratar os Encontros, ou mesmo na produção da história da arte brasileira, europeia, ou outros tantos nichos predominantemente masculinos. Mas por que não houve grandes mulheres artistas? Com este questionamento Linda Nochlin (1971), propõe evidenciar o apagamento de indivíduos que não são homens brancos na historiografia da disciplina. A invisibilidade de mulheres, e outros sujeitos, em arquivos também foi tratada por Simioni e Eleutério (2018), que alertam para a urgência da construção de narrativas históricas em novos pontos de vista e que incluam as mulheres e outros sujeitos.

Este trabalho tem como objetivo identificar os rastros deixados pelas artistas mulheres nas narrativas sobre os Encontros de Arte Moderna, que possibilitem a produção de histórias plurais da arte, nas quais as mulheres artistas figurem como produtoras de versões a respeito dos Encontros. Pretende-se alcançar esse objetivo, a partir da análise de textos do Dicionário de Artes Plásticas do Paraná que versam sobre os Encontros e sobre as artistas que dele participaram. Neste cenário se questiona: Qual a contribuição de Adalice Araújo na divulgação e legitimação de artistas mulheres? O Dicionário pode ser configurado como um arquivo a contrapelo, no qual se pode produzir versões da história dos Encontros, a partir das mulheres artistas?

Esse artigo dialoga com reflexões propostas por autoras feministas, como Linda Nochlin (2016) e Ana Paula Simioni (2008) a respeito da ausência de fontes que registrem as experiências de mulheres em eventos marcantes da história da arte paranaense e brasileira. Para com isso, constituir uma versão preliminar e lacunar sobre os eventos. Os itens que seguem procuraremos expor alguns desse rastros, listando nomes, eventos e documentos que podem auxiliar na estruturação dessa versão, ou versões.

### **Adalice Araújo**

A crítica de arte Adalice Araújo (1931-2012), é natural de Ponta Grossa/PR e estabeleceu-se em Curitiba/PR onde atuou como artista, poeta, crítica de arte, historiadora e professora. Lecionou na Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP) e da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e dirigiu o Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR) entre 1987-1988. Mas é como crítica de arte que sua atuação profissional possui maior destaque, publicando semanalmente por mais de 20 anos, entre 1969 e 1995, nos jornais Diário do Paraná e Gazeta do Povo, além de colaborar com o Dicionário de Artes Plásticas do Brasil, editado por Roberto Pontual e escrever o Dicionário de Artes Plásticas do Paraná, com a primeira edição publicada em 2006.

Adalice Araújo é uma das primeiras críticas de arte fora do eixo Rio-São Paulo, marcando o surgimento profissional da crítica no Paraná, e se consolidando como a principal crítica de arte do estado. Inserir a arte e os artistas paranaenses como parte do circuito nacional de arte era uma de suas principais preocupações (OLIVEIRA, 2020). Mantendo-se sempre atenta às novas discussões locais, nacionais e internacionais do campo das artes e estabelecendo contato com outros importantes críticos de arte, curadores e artistas do Brasil.

O mapeamento de sua extensa produção crítica, mostra que Adalice mantinha seus textos em permanente processo de revisitação, formando um grande arquivo pessoal, com conteúdo de caráter crítico e histórico.

Na perspectiva de Paulo Reis (2019), aqui compartilhada, Adalice Araújo, junto a um grande grupo de importantes críticos do Brasil, como Mário Pedrosa, Roberto Pontual, Aracy Amaral, Frederico Moraes, entre outros, evidenciam modos de olhar para a arte em diferentes épocas possibilitando entender, questionar, refletir e se posicionar político, social e culturalmente, frente aos processos artísticos e culturais.

## Os Encontros de Arte Moderna

Na Curitiba/PR dos anos 1969 a 1980 aconteceram os Encontros de Arte Moderna eventos anuais, com um total de 11 edições, e programação que se espalhava por diversos espaços da cidade (FREITAS, 2017). Surgem de uma necessidade notada pela crítica, historiadora e professora Adalice Araújo, ao assumir a disciplina de História da Arte na Escola de Música e Belas Artes do Paraná, EMBAP, em 1968, quem percebeu que os estudantes não tinham contato aprofundado com produções e artistas modernas, incluindo uma defasagem de discussões e experimentações de arte contemporânea (FREITAS, 2017, p. 88).

Com o auxílio de Ivens Fontoura, artista e também professor da EMBAP, projetaram o evento, de forma que colocasse os estudantes em contato com a vanguarda nacional. Criaram sua estrutura conceitual e didática, com convidados de outras partes do país para proferirem cursos e palestras, além de exposições de artistas convidados, professores e alunos, e o nomeiam como "Encontros de arte moderna" (ARAÚJO, 2006, p. 128).

A organização e execução do evento é colocada a cargo do Diretório Acadêmico Guido Viaro, da EMBAP, visando estabelecer vínculos entre os estudantes e os eventos, potencializando o envolvimento dos próprios alunos com os Encontros. Para a realização do evento contou com o apoio financeiro de órgãos municipais e estaduais (FREITAS, 2017, p. 416 - 425). Antes mesmo de sua primeira edição, o evento encontrou resistência da maior parte dos professores da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, que não concordavam em chamar professores, críticos e pesquisadores de outras partes do país para ensinar seus alunos.

Apesar das oposições, a primeira edição do encontro acontece no ano seguinte, 1969, com intensa participação dos estudantes, afirma sua validade e garante sua continuidade. Durante as 11 edições, o evento contou com a participação de importantes nomes da cena artística para difundir seus conhecimentos e desenvolverem ações na cidade. Como o crítico Roberto Pontual, Frederico Moraes, Donato Ferrari, Marcelo Grassmann, entre outros.

A relevância do evento pode ser notada em notícias de jornais do período, que o estabelece como um dos ápices e promessas para o campo da arte, como no artigo de Frederico Moraes, no Diário de Notícias, São Paulo de dezembro de 1971, que coloca os Encontros de Arte Moderna como destaque do que se faz em arte no Brasil e citando o sucesso do evento daquele ano. Também deve-se considerar como um indicador de prosperidade a participação dos artistas, críticos, pesquisadores, curadores e outros profissionais das artes do Brasil, que aceitaram o convite de Adalice Araújo para vir até

Curitiba e participar dos Encontros de Arte Moderna, ainda que o evento contasse com poucos recursos financeiros.

Ao longo de sua história nota-se que algumas edições foram mais prósperas que outras. Em seu dicionário, Adalice Araújo abrange apenas da 1ª a 6ª edição do evento, sem nem mencionar as edições posteriores, já Artur Freitas destaca que as edições mais potentes foram as que aconteceram no meio, da terceira a sexta edição. Essa diferença fica marcada pela extensão e impacto do evento, a partir da sétima edição não houve mais convidados externos, que era uma das bases do evento, contando apenas com participantes locais, em sua maioria professores da EMBAP, as proposições vanguardistas também foram reduzidas drasticamente, o que antes era um evento de arte que circulava pela cidade, passa a ser um evento estritamente acadêmico.

Os motivos para esse enfraquecimento são variados, e podem ser vistos em dois panoramas, os motivos internos e externos. O primeiro deles, comenta Arthur Freitas (2017, p.88), se deve, em grande parte, ao fato de as primeiras edições terem a atuação direta de Adalice Araújo, que acionou seus contatos pessoais para trazer importantes nomes para o evento e atuava diretamente na divulgação através sua coluna Artes Plásticas no jornal Diário do Paraná. O afastamento de Adalice foi motivado por questões internas da EMBAP, por ordem da direção, a partir de 1975, os professores tiveram que reduzir seu tempo de permanência, o que afetou sua dedicação às atividades da escola. A alteração periódica dos estudantes do Diretório acadêmico, que organizava e poderia manter o evento, também dificultou a preservação de sua memória e sua manutenção, uma vez que os novos estudantes, muitas vezes, desconheciam o que foi vivenciado nas edições de referência (FREITAS, 2017, p.392-393).

No plano externo, coincide com a crise do conceito de vanguarda no Brasil, que era o alicerce do evento, e o declínio da contracultura. Esta crise torna-se uma aversão, 1979, Frederico Moraes, o papa da vanguarda que havia realizado marcantes ações nos Encontros, escreve que “vanguarda” havia se tornado um palavrão (FREITAS, 2017, p. 393). Essa fragilização da poética e do performático culmina em uma reafirmação dos meios tradicionais, como a pintura, enfraquecendo a essência do que foi idealizado para os Encontros de Arte Moderna. Após cinco edições com tentativas frustradas de manter o evento com a potência que atingiu nas edições mais frutíferas, o evento definitivamente se encerra em 1980.

## **O Dicionário de Artes plásticas do Paraná**

Foi pelo Dicionário de artes plásticas do Paraná, de autoria da Adalice Araújo, também criadora dos Encontros de arte moderna de Curitiba, o primeiro contato com estes

eventos. Lançado em 2006, fruto de uma pesquisa que iniciou em 1968, quando o crítico de arte e curador Roberto Pontual (1939-1994) solicitou à Adalice informações sobre artistas paranaenses para o “Dicionário das Artes Plásticas no Brasil” (ARAÚJO, 1974, p. 7), a pesquisa se desenvolveu e culminou na sua Tese de Livre Docência na disciplina História da Arte, no Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 1974. Na primeira análise do dicionário, chama, particularmente, atenção que a autora, ao falar dos artistas que se desenvolvem profissionalmente a partir dos encontros, destaca as artistas mulheres.

O dicionário é organizado em verbetes com temas que tratam sobre a história da Arte Paranaense. A primeira menção aos Encontros de Arte Moderna se encontra no texto “A década de 1970 no Paraná” (ARAÚJO, 2006, p. 128), onde a autora apresenta os Encontros como principal evento dessa década e o responsável por trazer a contemporaneidade à Arte Paranaense.

São seis verbetes, com pequenos textos, em alguns casos acompanhados de imagens, dedicados especialmente às edições de I a VI dos Encontros de Arte Moderna. Nos textos, a autora apresenta o escopo do encontro, as datas em que aconteceram, a programação e os convidados que compuseram cada edição, além de alguns destaques de cada evento.

Em “I Encontro de Arte Moderna (27 a 31 out. 1969)”, afirma que o principal objetivo do evento é a “atualização teórico-prática das Artes Visuais em nível internacional” (ARAÚJO, 2006, p. 129). Realizado na sede da EMBAP, contou com uma série de palestras sobre Pop Art por João Vicente Salgueiro, atividades práticas sobre o uso da cor por Bruno Tausz, palestras sobre temas diversos como Cinema com Sylvio Back e Teatro com Oraci Gemba e duas mostras, uma de pesquisas sobre cor e a segunda de Fotografia.

O “II Encontro de Arte Moderna (28 set a 10 out. 1970)” (ARAÚJO, 2006, p. 130) analisa e põe em confronto a criatividade nacional e a local. A programação contou com dez vernissages de exposições, palestras sobre Artes Plásticas, Arquitetura, Arte e Psiquiatria, Literatura e Ballet, lançamento de livros, cursos práticos e workshops. Os destaques da edição são: a primeira exposição individual de Paulo Roberto Leal, palestras sobre Arte Brasileira Contemporânea com Roberto Pontual e o de Donato Ferrari, Metodologia Operativa e Uso dos Materiais nas Formas Expressivas.

As pesquisas experimentais e a arte como veículo de comunicação em massa formam a linha condutora do “III Encontro de Arte Moderna (18 a 30 out. 1971)” (ARAÚJO, 2006, p. 130). A parte prática ficou com Frederico Jaime Nasser, o principal núcleo de palestras foi com José Seixas Patriane e Frederico Moraes. O encerramento do evento

foi com o Sábado de Criação, evento coordenado por Frederico Moraes, que ocupou o canteiro de obras da Rodoferroviária de Curitiba e mobilizou artistas e estudantes a realizar experimentações de Arte Povera.

Frederico Moraes, importante nome do III Encontro, volta a Curitiba para o “IV Encontro de Arte Moderna (7 a 19 ago. 1972)” (ARAÚJO, 2006, p. 131). Junto com Artur Barrio, Valkyria Proença e João Ricardo Moderno são os responsáveis por realizar instalações no Museu de Arte Contemporânea, MAC-PR, que causaram intensa controvérsia e que reverberou pela cidade. Na programação também encontramos mostras expositivas, cursos práticos de Foto-arte e técnicas de criação plástica com José Rezende, ciclo de palestras e debates sobre crítica de arte com Fayga Ostrower, Pedro Escosteguy apresenta um documentário sobre Arte Pública e propõe “experiências de situações” no Passeio Público.

O “V Encontro de Arte Moderna (20 a 25 ago. 1973)” (ARAÚJO, 2006, p. 131) tem como elemento central uma série de experiências guiadas por Anna Bella Geiger com uma proposta conceitual de gravura com Land Art, Arte Povera e Body Art. A parte teórica fica com Paulo Leminski e Mário Barata e a programação se completa com uma Exposição de Artistas da Nova Geração.

Para o “VI Encontro de Arte Moderna (25 a 30 ago. 1974)”, Josely Carvalho é a convidada de destaque, que transforma Curitiba “(...) no mais avançado laboratório de Arte Experimental do País.” (ARAÚJO, 2006, p. 130). Jocely propôs uma série de experiências que integravam os participantes com a cidade e envolviam a população e passantes desavisados em suas ações. Na Gincana Ambiental, grupos de estudantes, artistas e interessados participavam de um jogo que os fazia se mover pelos vários bairros da cidade. A Peça/pão foi uma atividade em que os participantes moldavam pães e cerâmicas. Na Homenagem a Duchamp um piano, na praça Osório no centro de Curitiba, foi tocado por 18 horas e 40 minutos por pianistas que se revezavam. O Corredor de guarda-chuva deu forma a um ambiente imaginado por Duchamp enquanto jogadores de xadrez realizam um campeonato. Esta é a última edição que Adalice apresenta.

Após apresentar os Encontros de Arte Moderna, Adalice Araújo, dedica três tópicos para falar diretamente dos artistas que desenvolveram suas produções em relação às propostas e experiências vividas nestes eventos. A autora os vê como respostas aos encontros (ARAÚJO, 2006, p. 132).

O texto “Artistas do grupo experimental dos EAM” destaca os artistas que, segundo Adalice, “(...) utiliza(m) propostas experimentais, produzindo as obras mais polêmicas da década de 1970, que vão de performances, happenings, objetos a instalações.”

(ARAÚJO, 2006, p. 128), fazem parte deste grupo: Lauro Andrade, Ivens Fontoura, Olney da Silveira Negrão, Margareth Born, Marcia Simões e Fernando Bini.

O segundo grupo, “Os artistas do EAM que utilizam o desenho como crítica ao establishment”, reuniu Margarida Weisheiner, Beatriz Corrêa, Carmen Carini e Sônia Gutierrez, com trabalhos que possuem caráter crítico e de denúncia a censura do Regime Militar e aos problemas sociais e existenciais da sociedade (ARAÚJO, 2006, p. 129).

O grupo Ponto de Partida foi entendido pela autora como um subgrupo dos Encontros de Arte Moderna, formado por estudantes de Pintura e Didática de desenho da EMBAP: Laila Tarran, Mazé Mendes, Ligia Borba e Stela Schuchovski, tinham como compromisso a continuidade de suas pesquisas artísticas não se limitando ao seu ponto de início (ARAÚJO, 2006, p. 125).

Adalice faz uma série de opções ao falar dos Encontros de Arte Moderna, com destaque ao trazer apenas as edições de I a VI, sem mencionar as posteriores, porém interessa mais a lista de artistas que compõem os grupos que surgem em decorrência dos Encontros, em que ganham destaque as artistas mulheres.

### **Reflexões sobre a versão construída por Adalice Araújo**

Olhar para os artistas ligados aos Encontros de Arte Moderna a partir da perspectiva da Adalice Araújo, através do Dicionário de Artes Plásticas do Paraná, é encontrar um ponto fora da curva, ali encontramos 10 artistas mulheres para 4 homens. Voltando aos textos que tratam diretamente sobre a programação dos Encontros, em contrapartida, vemos um cenário mais tradicional, onde os homens predominam como agentes históricos. Importante atentar que nas 3 primeiras edições não há nenhuma mulher como convidada. Nas seguintes elas surgem e no XI Encontro uma mulher, Josely Carvalho, é chamada para coordenar o evento.

Linda Nochlin, em 1971, lançou o questionamento: Por que não houve grandes mulheres artistas? O que Nochlin propõe não é encontrar uma resposta a esta pergunta e sim explicitar as condições materiais e históricas que provocou o apagamento de indivíduos que não são homens brancos, “Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes.” (NOCHLIN, 1971, p.8). Ainda que com uma produção de excelência estes indivíduos não permanecem na história. Um famoso exemplo é o de Camille Claudel, talentosa escultora e pioneira em sua área que possibilitou a entrada

de mulheres na Escola de Belas Artes na França. Ficou conhecida por ser amante de Auguste Rodin e morreu em um hospital psiquiátrico, esquecida. Apenas anos mais tarde foi descoberta.

Ao olhar para acervos de arte em museus do Brasil e do mundo ocidental, marcado pela tradição europeia, é notável que a proporção de artistas mulheres é inferior à de artistas homens. No Metropolitan Museum, em Nova Iorque, apenas 5% das artistas na seção de arte moderna são mulheres (GUERILLA GIRLS, 2012), já no Masp, em São Paulo, 6% das artistas do acervo em exibição são mulheres, em contrapartida, 60% dos nus expostos são de corpos femininos (GUERILLA GIRLS, 2017). Dados, como estes, transformados em manifestações artísticas pelo grupo Guerrilla Girls vêm mostrando que a igualdade de gênero no campo das artes é um tema atual.

Ainda que estas reivindicações já existam há algumas décadas, as curadoras da exposição *Mulheres Radicais* (2018), encenada na Pinacoteca/SP, Cecilia Fajardo-Hill e Andrea Giunta, em entrevista para Julia Lima, destacam como ainda nos dias de hoje é irreverente fazer uma exposição 100% feminina, tendo recebido diversas críticas acerca da relevância do projeto com argumentos de que a exposição era desnecessária, que as mulheres artistas já tinham seu espaço e que uma mostra composta apenas por mulheres era estereotipada, em contraponto se destaca a importância destes eventos para a revisão da história da arte comandante (LIMA, 2018).

É inegável o papel que Adalice Araújo tem na arte paranaense, tida como a mais importante crítica de arte do estado. Não podemos afirmar que é de forma consciente, militante ou despercebida que Adalice optou por dar um maior espaço às mulheres que circulavam pelos Encontros de Arte Moderna, mas trata-se de uma crítica que buscava se manter atualizada e em contato com as discussões que cercam o universo das artes, no cenário nacional e internacional. Podemos notar sutis mudanças com o passar dos anos, passando pelas mudanças no corpo de convidados para os Encontros de Arte Moderna e nos próprios textos que passam a dar ênfase à presença de mulheres artistas, com diferentes atuações, como palestrantes, artistas convidadas, participantes ou herdeiras do legado dos Encontros.

A partir desses fragmentos, que retomam a participação de mulheres nos Encontros, é possível acionar o Dicionário de Artes Plásticas do Paraná como fonte privilegiada para a formulação de versões a contrapelo sobre esses eventos, aqui entendidos como centrais para a adesão dos ideais modernista pelos artistas e estudantes de artes em Curitiba, mobilizando outras histórias possíveis da arte no Paraná e brasileira.

## Referências

- ARAÚJO, Adalice Maria de. Dicionário das artes plásticas do Paraná. Curitiba: Edição do autor, 2006.
- FREITAS, Artur. Festa no vazio: performance e contracultura nos Encontros de Arte Moderna. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2017.
- GUERRILLA GIRLS. Do women have to be naked to get into the Met. Museum?. 2012. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/work>. Acesso em: 01 ago 2022.
- GUERRILLA GIRLS. As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?. 2017. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/work>. Acesso em: 01 ago 2022.
- LIMA, Julia. Onde estão as artistas mulheres? Artequeacontece: 2018. In: <https://www.artequaeacontece.com.br/onde-estao-as-artistas-mulheres/>
- MORAIS, Frederico. São Paulo à frente. Diário de notícias, São Paulo, 03 de dezembro de 1971, seção Artes Plásticas, pp. 3. Disponível: [http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_05/15138](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/15138)
- NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? SP: Edições aurora, 2016.
- OLIVEIRA, L. H. C. de. A “validade” da “arte paranaense” na crítica de Adalice Araújo. Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, N. 19, verão de 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/33055>
- REIS, Paulo. Visita guiada: A Crítica de arte de Adalice Araújo. Curitiba, PR: Medusa, 2019.
- SETOR DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO PARANÁ. Encadernado Mostra do acervo: Os Encontros de Arte Moderna, os conceitualismos no Paraná. Curadoria Fernando Bini. 2011. Curitiba: SPD – MAC Paraná, 2022.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Dossiê Mulheres, arquivos e memórias. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: USP, 2018.

### Como citar:

BACH, Kamila Tatiana da Cruz; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. Versões da arte escrita por mulheres: Adalice Araújo e os Encontros de Arte Moderna. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 67-76, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.  
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.003>  
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>